

Flávia Rieth
Vagner Barreto Rodrigues

SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E A INVENÇÃO DA CULTURA

O processo de ensinar e de aprender está relacionado com a percepção do mundo que estamos inseridos, que, por sua vez, caracteriza-se pela diversidade dos modos de vida. Este processo de ensino-aprendizagem é social, onde a relação tecida em sala de aula é um contexto rico, pois nos vincula com outras pessoas, outros mundos, outras *formas de pensar, de agir e de sentir* que, em um primeiro momento podem nos parecer *familiares*. Para além das alteridades exóticas, a Antropologia vem aproximando-se de diversos contextos de produção do conhecimento, que questionam as noções de fronteira, identidade, território, cidade, campo, natureza, cultura, etc.

Entretanto, um dos enganos ao estudar a sua cultura é tomar o *familiar* como *conhecido*. Partindo da particularidade da Antropologia, que busca olhar de perto e de dentro, o campo social, longe de apresentar-se fragmentado, compõe uma malha, com relações que podem ser descritas por meio dos engajamentos daqueles que fazem parte das mais diversas atividades. Nesta postura, deve-se considerar a *heterogeneidade* que constitui a vida. A curiosidade, o estranhamento e a compreensão crítica, face às diferenças culturais, nos possibilita a alteridade, o ponto de vista do outro, procurando perceber a sua especificidade. E tal estranhamento nos faz reconhecer a particularidade da cultura do próprio antropólogo.

Longe de ser uma ciência de gabinete, os antropólogos inventam a cultura e a Antropologia na experiência de campo, vivendo o cotidiano do mundo do outro, acompanhando processos, observando e desempenhando

modos de fazer, conforme apontam os antropólogos Roy Wagner (2010) e Tim Ingold (2015). Este “país estrangeiro” não está, necessariamente, para além das linhas que definem nossos limites geográficos. Nesse sentido, o estudo das culturas causa certo desconforto, descrito por alguns colegas como a sensação de ser constantemente observado sobre o ombro, com a consciência daquele que cria a cultura, enquanto produtor e reproduzidor de modos de fazer e de viver que assumem um caráter tanto *intelectivo* quanto *prático*.

Ao escolhermos pela *invenção*, porém, não pensamos a cultura vivida por aqueles que são nossos interlocutores enquanto artificial, ou mesmo um engano, mas, sim, naquilo que a palavra oferece de mais positivo, enquanto produtiva, criativa e inventiva. Como a linguagem, a faculdade de criar e dar nome às coisas, que conceber algo novo e pôe em prática, ao executar uma ideia. No acompanhamento de processos e percursos os antropólogos também inventam uma outra relação com ambientes que lhe eram (des)conhecidos. Novas possibilidades são narradas em um mundo que compartilhamos, mas que, por vezes, nos escapam.

No campo das pesquisas, coletivos ao nosso entorno são fruto de questões e atenção ao nos expor ao diferente. Uma fricção intersubjetiva, uma vez que para a Antropologia a criatividade do antropólogo depende do outro, aquelas pessoas com as quais escolhemos conviver durante um período de nossas vidas. Este estranhamento faz-se presente também em sala de aula das escolas e universidades, quando alunos e professores de diversas regiões encontram-se no desafio de pensar coletivamente, debater realidades, criticar o *status quo*, refletir teorias, sem deixar de estar em campo. Uma relação, complexa desde seu início, em que a aprendizagem e a invenção da cultura se equivalem. E, nesse sentido, professores e antropólogos compartilham uma mesma atuação, movidos pelo desejo de aprender sobre a cultura do outro e a si.

Como etnógrafos, inseridos em um mundo onde também pesquisamos, não sabemos bem onde nossas pesquisas iniciam ou terminam. Uma frase que nos causa incômodo, uma visão de canto de olho pelas ruas das cidades, um silêncio inesperado, uma notícia nos jornais diários, um *graffiti* colorido que nunca tínhamos visto, uma narrativa de mitos ou de lendas, uma dobra na esquina que nos confronta com uma manifestação, uma relação mística da qual comungamos, uma conversa de bar, situações comuns, que tornam-se linhas e possibilidades. Curiosidade e (re)encantamento com o mundo aparecem como causa e efeito.

Nesse sentido, a inserção da comunidade nas salas de aula, e das salas de aula na comunidade, enriquecem teorias e auxiliam na construção do conhecimento na relação com aqueles que detêm os saberes. A observação do pátio da escola, com seus funcionários, inscrições e

camadas; o caminhar pela rua, com seus estabelecimentos, narrativas e memórias; a percepção do bairro, com seus caminhos e descaminhos; a formação da cidade, com sua história oficial, e suas aquelas outras histórias, muitas delas no aguardo por serem contadas. Sujeitos que serão o foco do conhecimento produzido por estes alunos, que trazem para sala de aula experiências que moldam suas vidas. Com foco na interdisciplinaridade, a formação vai de encontro com as relações que compõe o campo social.

A noção de fronteira permeia diversos temas pesquisados pela Antropologia, e aciona debates no campo da Política, do Direito, da Biologia, das Letras, da História, considerando os atravessamentos políticos em uma área cultural – a da cultura pampeana – que ultrapassa as fronteiras do Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai, que nos mistura. Uma fronteira em que nós nos reconhecemos enquanto *nosotros*. Nós e outros.

As relações de duração também costumam pontuar nosso interesse pela apropriação dos espaços. Marcos de pedra, marcos de fronteira, ruas, *free shops*, praças, prédios públicos, casarões do centro histórico, museus, campos de pedra, campos lisos, fábricas, ruínas, produzem histórias no tempo e no espaço. Sua ocupação e desocupação é motor de transformações na paisagem, enquanto mobilizam fluxos, mesmo que em pequena escala, em trajetos e percursos. São suportes de manifestações, pichações, colagens, que expressam a voz das ruas, o inconsciente das cidades, do rural, da fronteira. Conseguir compreender, os caminhos e as escolhas que certos grupos fazem, dentre as opções que são oferecidas e negadas, envolve a educação da atenção, a sensibilidade da observação e da escuta.

Ao mesmo tempo, o reconhecimento da diversidade presente em sala de aula deve buscar a valorização dos saberes. A observação daquilo que nos é próximo não deve negar os demais pontos de vista, lugares de observação e de fala, que integram realidades trazidas por estudantes. Busca-se contribuições possíveis, visto a infinidade de soluções que a criatividade humana consegue produzir para dilemas e situações comuns. Memória e invenção preenchem dimensões importantes nesse processo, que refletem em decisões no presente, sem deixar de reconhecer de forma crítica os processos de longa duração aos quais estão relacionados.

Ensinar e aprender em um contexto de fronteira não deixa de trazer suas particularidades. Laços de familiaridade, matrimônio e compadrio atravessam limites geográficos e mesclam-se pelas paisagens pampeanas. Conhecimentos, saberes, bens materiais, parentes, contrabandos e alimentos cruzam, diariamente, os limites que separam Brasil e Uruguai, em seus caminhos e trilhas. Paisagens pontuadas por marcos de pedra, que buscam dar ordem àquilo que a cultura encarrega-se de confundir. Como o *portunhol*, trazido das casas para dentro das salas de aula, negado pelo

Estado, mas presente em todos os espaços.

A Antropologia, enquanto campo do conhecimento que busca destacar a complexidade das relações, com base na Etnografia e no compromisso do saber e do modo de fazer antropológico, reconhece diferentes arranjos operados no cotidiano. Em regiões fronteiriças os laços de matrimônio costumam oferecer uma criação polifônica desde a infância. Estes mesmos laços expandem relações entre países, por meio da circulação de crianças e parentes em datas festivas ou momentos especiais. Nesses atravessamentos, que acarretam em reciprocidades, parentesco e compadrio também acionam redes de abrigo e proteção, que levam e trazem informações, e fazem-se valer em momentos de perigo.

Da mesma forma, o trânsito entre os países obedece uma série de regras e opções, que tem como pano de fundo, algumas vezes, situações na margem entre a legalidade e a ilegalidade implicada em cruzar Nações. As escolhas são feitas levando em conta algumas das ambiguidades do próprio Estado. Assim, o ensino público em um país pode compensar, enquanto o sistema de saúde do outro oferece melhores condições. Ao mesmo tempo, a compra de carne e pão costuma ser feita no país vizinho, pois o sabor é considerado melhor. Permeando tudo isso, o vai e vêm de ônibus, vãs, excursões e carros, em um movimento constante, que levam e trazem pessoas e mercadorias. Um fluxo de vida, que se insere pelas texturas das cidades.

Estilos musicais, instrumentos, fotografias, programas de TV, vídeos, canções e livros também cruzam as fronteiras. Compartilham a presença com suas histórias e mitos. Adentrar pela cultura tendo essas formas expressivas como instrumento pedagógico pode contribuir para relações geracionais de conhecimento, para a valorização daqueles saberes que fazem parte da vida dos estudantes, para a interlocução com comunidades tradicionais com as quais os estudantes convivem, para o reconhecimento de movimentos sociais que aperam, tencionam e modificam as dinâmicas das próprias fronteiras.

A fronteira, enquanto uma linha imaginária, apresenta inúmeras questões, justamente, por ser um *entre*, posição privilegiada pela diversidade, mas ao mesmo tempo pela tensão que o encontro com o Outro costuma gerar. Não por acaso, tais regiões também costumam sofrer fortemente os efeitos das instabilidades políticas e econômicas dos países que compõem. Em comum, compartilham as precariedades e ausências, que relacionam o local com padrões mundiais de produção e de consumo.

Na relação do ensino, cultura uruguaia e a língua espanhola e a cultura brasileira e a língua portuguesa tornam-se oficiais, em contraste com a pluralidade que compõe a paisagem sonora e os ambientes em nossos trajetos e percursos no dia a dia. A escola, como instituição estatal, trata de demarcar as fronteiras políticas de uma cultura letrada e as outras.

Mas, ao atentar para as relações sociais e culturais, o modo de vida dos habitantes da fronteira também pode subverter a lógica do Estado. A valorização do portunhol por professores em sala de aula coloca-se como uma possibilidade da instituição valorizar e reconhecer a particularidade das pessoas, do lugar, da fronteira e de uma escola situada entre Santana do Livramento e Rivera. Entre Brasil e Uruguay. Reconhecer que as identidades de uruguaios e brasileiros são construções sociais, invenções culturais que nos atravessam, as quais se unem no modo de vida fronteiriço. E, neste exercício de perceber a heterogeneidade que vivemos nas relações sociais, estamos inventando cultura e construindo conhecimento.

Alteridade, estranhamento, familiaridade são conceitos da Antropologia que nos permitem inventar a cultura. Tal produção de sentido, de ver o mundo nos inscreve na relação com o outro e nos faz perceber as diferenças de culturas (co)existentes em um contexto específico. Todo professor é um pouco antropólogo e todo antropólogo é um pouco professor, ambos encontram-se movidos pelo processo de aprender e ensinar.

A realização de oficinas, feiras, exposições, saídas de campo, passeios, rodas de conversa, fomenta o diálogo e pode contribuir no engajamento de estudantes e professores. Tais atividades também dinamizam o processo de sala de aula, ao delegar autonomia e responsabilidade aos alunos. Nesses processos, vemos a implicação do contato com experiências e conhecimentos distintos, onde os estudantes visualizam outros modos de vida. A criatividade inventa novas formas de habitar Rivera e Santana do Livramento, onde fronteiras passam a ser vividas no plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

AUTORES

Flávia Rieth

Professora no Departamento de Antropologia e Arqueologia e do Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. E-

mail: riethuf@uol.com.br .

Vagner Barreto Rodrigues

Mestre em Antropologia, na Universidade Federal de Pelotas, (UFPel). Graduando em Antropologia, na UFPel. Cursou Bacharelado em Comunicação Social, na Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: vagnerbarreto1991@gmail.com .

Recebido em: 03/12/2017.

Aprovado em: 06/04/2018.

Publicado em: 28/10/2018.